

AS FLORES DE PLÁSTICO NÃO MORREM - UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA PROSTITUIÇÃO

*Francisco Lamartine Guedes Pinheiro
Leônia Cavalcante Teixeira*

Este estudo visa a discutir a prostituição a partir dos referenciais da psicanálise e das contribuições de Marx e Engels acerca das relações entre patriarcado e condição da mulher constantes no livro *A Sagrada Família*, de co-autoria de ambos, em que encontramos suas elaborações sobre a prostituta Flor-de-Maria. Além disso, faremos referência à música gravada pelo grupo musical Titãs, na qual encontramos a ilustração do exemplo de como o desejo e a ação patriarcal masculina inscrevem a mulher em nossa cultura.

Marx e Engels (1987), no citado livro, realizam uma crítica ao tema da prostituição através da visão burguesa-cristã ocidental, alienada dos reais fatores sociais de sua constituição: as injustiças decorrentes do sistema capitalista e da sua ordem social decorrente.

Flor de Maria é uma prostituta. Na estória, Rodolphe, com seus ideais burgueses, convence a Maria de que ela vive de forma errada. Persuadida por ele e pela péssima condição de vida que levava, Maria acaba pensando como Rodolphe. Este oferece à mesma uma oportunidade de mudar de vida e ir para um convento. Maria aceita a oferta de Rodolphe, passando a admirá-lo como seu salvador. No convento, Maria entra em crise profunda e morre.

Segundo Marx (1991), a acolhida cristã dada a Maria transformou sua concepção de vida natural, sua consciência humana de degradação, consciência natural, em uma consciência cristã: “...vemo-la já presa dessa hipocrisia religiosa que nega ao homem, nosso semelhante, todos os benefícios que para conosco possa contrair, remetendo-os para Deus” (MARX; ENGELS, 1987, pg. 263). Mais a frente Maria diz:

“...fizeram-me, oh meu Deus! Compreender que eu fora, sobretudo, culpada, no lugar de infeliz [...]” (idem). Para Marx, a vida de Maria era natural, onde a vida dela começava, desprendia-se a moral burguesa e o ponto de referência para medir sua situação era a sua individualidade e não uma concepção moral de bem e de mal. Aqui, há uma referência clara à questão do desejo em confronto com a moral constatado pela psicanálise.

Marx elabora nesse artigo a idéia de que a prostituição feminina é a encarnação de uma idéia burguesa, ultrapassada, sobre a mulher, noção esta advinda de que a mulher foi forjada a partir de um sistema patriarcal em vias de desconstrução, rígido, a um destino ditado por essa força patriarcal. Ele insinua que esse complexo cultural patriarcal, que engendra a opressão ao feminino e à prostituição, está em vias de extinção. Será? Como Marx explicaria hoje, mesmo com a revolução sexual e dos costumes, o fato da prostituição ser ainda um fator presente na nossa sociedade? O que ele pensaria das transmutações, as nuances e as diversificações do fenômeno prostituição nos dias de hoje como as “periguetes”, “preparadas”, “cachorras” e as “brunas surfistinhas” da vida real? O patriarcalismo continua fazendo seus efeitos, produzindo a prostituição.

Calligares (2005) nos dá uma dica sobre as fontes das possíveis organização e desorganização das pulsões que dão origem a essa puta mulher (fêmea?). Segundo ele, a origem da prostituição se encontra, como em flor de Maria, não só no ambiente como também em um significante: prostituta, a qual toda mulher tem que dar conta no ato da sua castração. Refere-se ao fato primeiro da passagem “puta” que toda menina tem que fazer em seu complexo de Édipo e castração, em que trair o pai a favor de outro homem e de seu equilíbrio psíquico torna-se fundamental. “Evoquei uma fantasia de prostituição como passagem obrigatória para que o corpo de uma mulher possa se

erotizar e – escapando as malhas edípicas – conhecer algo do gozo que lhe seria possível” (CALIGARES, 2005, p. 30).

Segundo Muraro (1991), a psicanálise traz como novidade o fato do patriarcalismo inaugurar a aventura humana na terra. A estrutura patriarcal permite o homem ascender à cultura, a criar a austeridade, a diferença, o simbólico. Aqui, os fatores psíquicos entram em jogo. Ingressa em questão também a origem da civilização, na qual notamos que a mesma só ocorreu devido à sociedade patriarcal gerar o aparecimento do inconsciente e de sua essência: a formação do masculino versus feminino (ativo/passivo) e que, para Muraro (1991), levou também a mulher a ser passiva, oprimida, recatada e ter como destino de vida ser: dona de casa, louca ou prostituta (as que por não aceitarem passivamente sua condição de opressão e foram estigmatizadas e ou excluídas). A autora afirma que esse sistema parece longe de acabar, uma vez que não há propostas alternativas para ele, o que vai de encontro com a posição de Marx.

Dolto (1988) coloca que existe um complexo fálico, no qual homens e mulheres se produzem e se sustentam tirando forças para ser e produzir. A partir daqui, já podemos verificar outros fatores que se articulam à prostituição feminina: o fato de a mulher ser criada para ser passiva, desenvolvendo uma servidão voluntária aos ditames do grande Outro que pode levar as mulheres a uma situação de paralisação que, se extremada, pode gerar a incapacidade de dizer não à prostituição. Falando especificamente sobre esse assunto:

O objeto de amor que os indivíduos procuram... não é homossexual ou heterossexual. A característica genital do objeto do seu desejo é paralela ou acessória, poderia-se dizer. O importante é que ele reencontre em seu contato o modo de relações emocionais experimentadas em face do adulto dominante e superestimado, simultaneamente, dessa infância pré-genital em que o valor mágico do poder do educador ou da educadora se lhe impunha a ele, corporalmente subjugado (DOLTO, 1988, p. 36).

Mais à frente conclui que “subjugar ou ser subjogado, eis a essência da relação valorizada de amor... a complementação procurada não esta subordinada a eficácia criadora de dois parceiros, mas ao reforço de sentimento de poder – tanto num deles na atividade, como na passividade” (DOLTO, 1988, p. 36).

Segundo Dolto (1988), o poder ser sujeito é uma posição- ação e está atrelado ao poder do ativo e do passivo, poder esse que, na mulher, metaforiza-se em seu desejo e sua ação de ajudar e receber, que, quando vai ao extremo gera a prostituta, a mãe devotada ou a marimacho. No caso da prostituição, obsevamos que há um gozo pulsional, sintomático no ato de ceder ao Outro (poderíamos dizer grande Outro) e uma constituição psíquica que não permitiria barrar esse Outro, não conseguindo a mesma posse do seu próprio território corporal: “... mesmo no caso que sua vontade verbalmente enunciada parecia opor-se ao amo e senhor incontestado, nos atos e efeitos que ele propunha...” (DOLTO, 1988, p. 37), o desejo de servir fala mais alto e constitui algo da ordem da identidade feminina e do ser mulher. Em *tipos de desencadeamentos da neurose*, Freud (1912/1974) fala disso:

“...uma mulher casada, que gostaria de renunciar a suas inclinações polígamas e fantasias de prostituição, de modo a tornar-se uma consorte fiel ao marido e perfeita mãe para o filho: todos estes caem enfermos devido aos mais louváveis esforços, se as fixações anteriores de suas libidos são suficientemente poderosas para resistir a um deslocamento; e este ponto será decidido, uma vez mais, pelos fatores da disposição, da constituição e da experiência infantil.” (FREUD, 1912/1974, p. 294).

A partir daí, somos levados a deduzir que, para Freud, na mulher parece existir a disposição à fantasia “prostituta” a ser ultrapassada, por assim dizer; e que algumas mulheres desejariam ser devotas a seus maridos e fiel aos filhos, mas por disposições pulsionais rígidas da infância não conseguem, caindo enfermas (neuróticas) na tentativa.

Essas passagens freudianas dão conta do fato da ordem pulsional: prostituição ser inscrita no destino do feminino, fazendo parte da plasticidade do inconsciente das

mulheres a partir de semblantes, traços, do complexo de Édipo e nos remetem ao conflito que essa pulsão-não-educação implica.

Assim, para uma melhor compreensão sobre a questão da disposição à servidão e à prostituição da mulher, exemplificamos com a música *as flores de plástico não morrem* (CHARLES, 1984). Nela, vemos como o patriarcalismo engendra o discurso que tenta educar a mulher tirando-as do perigo da prostituição: “Olhei até ficar cansado / De ver os meus olhos no espelho / Chorei por ter despedaçado / As flores que estão no canteiro / Há flores cobrindo o telhado / E embaixo do meu travesseiro / Há flores por todos os lados / Há flores em tudo que eu vejo / Flores... / As flores de plástico não morrem (CHARLES, 1984)”.

O desejo da mulher perfeita encontra-se no homem, no discurso do masculino. A mulher-plástica é a prostituta, que o homem tenta sempre recobrir, tornando para eles uma flor artificial, de plástico, que sempre cai, porque ela (mulher) é da ordem do natural-sexual, não é santa, goza, tem sexo. As flores comuns, plásticas, prostitutas, morrem, são despedaçados nos canteiros. Essa mulher-plástico, não natural, que nunca escapa desse destino passivo do feminino, não morrerá, mas pagará o preço de ter como único remédio a dor para curar os seus cortes (castração). O conflito psíquico, pulsional, destino de todas as mulheres na constituição do seu feminino, fica mais uma vez exposto na letra da música.

A partir do trabalho de Marx e de Engels, no qual buscavam entender uma questão social tão delicada quanto a pobreza que é a prostituição, abre-se espaço para a problematização de uma outra grande questão: O que quer uma mulher? Que pode ser desdobrada no sentido de perguntar: o que é uma mulher? Como se torna mulher? Ser mulher passa pela prostituição em nossa sociedade?

Continuando o percurso de Flor de Maria, nossa heroína de um romance burguês, indaga-se de novo sobre a mulher e a prostituição: o que fala dentro dessa flor-mulher que vai além do seu ser e que está relacionada a uma essência do ser mulher que vai além das questões sócio-históricas senão uma questão pulsional? Marx (1987) parece ter razão quando coloca que a referência para a situação subjetiva e econômica degradante de Maria não seria um ideal de bem burguês e sim sua individualização. Não é um julgamento moral que se está em voga, mas sim os sintomas a que essas Marias foram acometidas. O que vislumbramos aqui são as questões das pulsões e os conflitos psíquicos pelo qual passa o destino do feminino.

As flores de plástico não morrem, é o título da música dos titãs (1984) tomada como ilustração para colocar o mais ainda esquecido por Marx. A letra foi trazida aqui para refletir melhor essas questões de pulsões e formações das mulheres flor-de-maria, prostitutas ou meio prostitutas. As flores de plástico, plásticas, pulsionais, são as flores de Maria, são as várias possibilidades de desejo de uma Maria existir, inclusive a flor prostituta.

Marx e Engels e os religiosos querem, a seu modo, traçar saídas para as Marias prostitutas. Uns, pela religião, outros, pela consciência de classe, e a psicanálise? O que propõe? Como a flor de Maria intermediará ser uma flor “plástico” (não natural) e plástica (pulsional) e se transformará em uma flor-de-lis (símbolo de perfeição), apontada sempre para cima? A responsabilidade dela, flor de Maria, diante seus conflitos e castrações é o que aponta a psicanálise. Como diz parte da música dos titãs (1984): “...a dor vai curar essas lástimas, o soro tem gosto de lágrimas, as flores tem cheiro de morte, a dor vai curar esses cortes...” (CHARLES, 1984). Freud (1937/1996) no texto *Análise interminável e terminável*, coloca que é função do ego, do sujeito, tentar colocar destinos sublimatórios às suas forças pulsionais, sublimando-os. Mas uma

sublimação, como dizia Marx, tem que ser natural e não artificial, como a que aconteceu com flor-de-Maria (levada ao convento, crer que era pecadora, alienando-se, morrendo de culpa e tristeza por sentir-se ruim como pessoa). Freud também coloca que no nosso mundo ocidental, a mulher sabe muito bem (mesmo com seu semblante prostituta – grifo nosso), que só serão respeitadas se derem uma de difícil: “no amor normal, o valor da mulher é aferido por sua integridade sexual, e é reduzido em vista de qualquer aproximação com a característica de ser semelhante à prostituta” (FREUD, 1909-1910/1996, p.151).

Será esse o grande desafio do destino do feminino na atualidade: encontrar a fórmula do amor e virar flor-maria-lis? Encontrar a fórmula de sair do impasse que a cultura patriarcal impõe de adquirir dignidade sem deixar de desejar? Essa fórmula passa pelas dificuldades ambivalentes a que a mulher é submetida em nossa sociedade de ser ao mesmo tempo difícil e fácil, honrada e desonrada, esposa e mulher, santa e prostituta.

BIBLIOGRAFIA:

CALLIGARIS, E. R. **Prostituição: O Eterno Feminino**. São Paulo: Ed: Escuta, 2005.

DOLTO, F. **Psicanálise e Pediatria**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1988.

FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (1909-1910) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Análise terminável e interminável (1937) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1974..

_____. Tipos de desencadeamentos da neurose (1912) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 12, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

CHARLES, G. **Flores**. Titãs, Cd Record - WEA – Coletânea, 1984.

MARX, K; ENGELS, F. **A Sagrada Família**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1987.

MURARO, R.S. Breve Introdução Histórica In: KRAMER, H.; SRENGER, J. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1991.

SOBRE OS AUTORES:

Francisco Lamartine Guedes Pinheiro. Psicanalista, Professor da Universidade Estadual do Piauí, Coordenador do Corpo Freudiano do Piauí, membro do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica do Social (LEIPCS – Doutorado de Psicologia da UNIFOR). Mestre e Doutorando pela **UNIFOR**.

Leônia Cavalcante Teixeira. Psicanalista, Professora Titular do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Doutora em Saúde Coletiva (IMS/UERJ/paris XIII) com pós-doutorado em psicologia (Universidade Aberta de Portugal), Mestre em Educação (UFC). É membro do GT Dispositivos Clínicos em Saúde Mental da “ANPEPP” e do “Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS – UNIFOR)”. Autora do livro: “Freud e a Literatura: percursos de uma travessia” (Ed. As musas) e co-organizadora de “O sofrimento e seus destinos: psicologia, psicanálise e práticas de saúde” (Ed. Universo-Brasileiro).